



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEDOC**

**MOTIVAÇÕES QUE LEVAM OS JOVENS A SAIR DO CAMPO: O
CASO DA COMUNIDADE CANABRAVA EM GOIÁS**

BRASÍLIA DF
2015

LUCILENE NUNES BARRETO

**MOTIVAÇÕES QUE LEVAM OS JOVENS A SAIR DO CAMPO: CASO
COMUNIDADE CANA BRAVA EM GOIÁS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo-LEDOC, da Universidade de Brasília-UnB, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Eliene Novaes Rocha

BRASÍLIA DF

2015

LUCILENE NUNES BARRETO

MOTIVAÇÕES QUE LEVAM OS JOVENS A SAIR DO CAMPO: O CASO DA COMUNIDADE CANABRAVA EM GOIÁS

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC, da Universidade de Brasília-UnB, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagem.

Aprovado em 16 de Janeiro de 2015

Prof.^a Dr.^a Eliene Novaes Rocha
Professora Orientadora
Universidade de Brasília - UnB

Prof.^a Dr.^a Juliana Rochet (FUB/UNB)
Professor Avaliadora
Universidade de Brasília - UnB

Prof.^a Dr.^a Maria Osanette de Medeiros
Professor Avaliadora
Universidade Católica de Brasília - UCB

**BRASILIA – DF
2015.**

Dedico este trabalho a minha família que nos meus momentos de fraqueza, quando por várias vezes pensei em desistir, sempre me incentivaram para que eu continuasse. À minha filha Emanuely, mesmo tão pequena e sentido minha falta, entendia minha ausência. Dedico este trabalho com muito amor e carinho a vocês, que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse aonde cheguei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e coragem que me foi dada, pois por varias vezes pensei em desistir e era nele que eu buscava força e consolo para suportar a saudade da minha filha. Porque se hoje estou aqui é por ela, a razão da minha vida.

Agradeço ao meu pai Luiz Cez, minha mãe Maria Lucia, minha Irma Luciana, que cuidaram tão bem da minha filha enquanto eu estava ausente, sem lhes deixar faltar o mais importante, o amor. O meu muito obrigado, pois sem a ajuda de vocês não teria conseguido (...).

Agradeço muito a todos os professores e professoras por seus trabalhos e dedicação e pela paciência e generosidade em compartilhar seus conhecimentos com nós estudantes.

Enfim, a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa, meus mais sinceros agradecimentos.

O segredo não é correr atrás das borboletas... É cuidar do jardim para que elas venham até você.

(Mario Quintana)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise das motivações para a saída dos jovens do campo na comunidade Canabrava, Município de Nova Roma no estado de Goiás. O motivo que me levou a fazer este foi a convivência com essa realidade da migração dos jovens desde que nasci. Hoje vejo isso como um problema. Para se ter uma ideia do tamanho desse êxodo, na comunidade de uns 150 jovens hoje só restam uns 20, com idade entre 13 a 20 anos de idade, com escolaridade do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio. Os que ainda se mantêm na comunidade, já falam que não vê a hora de concluir o Ensino médio para partir. Um dos motivos na visão apontado por esses jovens é a necessidade de arrumar trabalho, pois não querem acabar seus dias, em um trabalho árduo, de sol a sol. Buscou-se também, verificar se há um meio em que esses jovens possam estar sobrevivendo nessa comunidade, sem precisarem se deslocar para as cidades, ou seja, identificar os motivos que levam os jovens a sair, para contribuir para ficar. Os resultados obtidos através da investigação do processo migratório dos jovens da comunidade Canabrava, e foram alcançados de forma satisfatória, com as contribuições dos jovens da comunidade. Concluindo que, os principais motivos que levam os jovens a saírem para as grandes cidades, é a falta de oportunidade de crescer na vida, coisa que o campo não oferece.

Palavras- Chave: Juventude. Campo. Migração.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the reasons for the departure of the young cane field in the community Brava City of New-Roma in the state of Goiás. The reason I do this study is because I live with this reality of migration of young people since was born. Today I see it as a problem, to get an idea of the size of this exodus in the community of some 150 young people is one of only about 20, aged 13 to 20 years of age with education of the sixth year of elementary school to the third year of high school. Those who still remain in the community, already speak not wait to finish high school to go. One reason the vision pointed out by these young people is the need to get a job because they want to not run out their days in hard work from sunrise to sunset. It also sought to ascertain whether there is a way in which these young people can be surviving in this community, without having to move to the cities, that is, identify the reasons that lead young people to leave, to contribute to stay. Results from the investigation of the migration of the young of Canabrava community, and were achieved satisfactorily, with the contributions of the local youth. Concluding that the main reasons why young people leave for big cities, is the lack of opportunity to grow in life, which the course offers not.

Keywords: Youth Field Migration.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I METODOLOGIA DA PESQUISA.....	13
1.1- A metodologia adotada.....	13
1.2- Instrumentos de pesquisa.....	13
1.3- Minha história; comparação com a realidade vivida pelos jovens pesquisados.....	14
CAPÍTULO II JUVENTUDE DO CAMPO DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....	16
CAPÍTULO III CONTEXTUALIZAÇÃO DO TERRITORIO E DOS SUJEITOS DE PESQUISA.....	22
3.1 Breve históricos do Estado de Goiás.....	22
3.2 Breve histórico do município de Nova Roma	24
3.3 Caracterizações da comunidade Canabrava.....	25
3.4 Quem são esses jovens da comunidade?.....	28
CAPÍTULO IV ANALISE DE DADOS.....	34
4.1 Expectativas dos jovens da comunidade Canabrava; porque ficar? Porque sair do campo?.....	34
4.2 O lugar onde vive.....	36
4.3 Motivos que levam os jovens dessa comunidade a sair para as cidades.....	36
4.4 Os objetivos dos jovens quando saem para as outras cidades.....	37
4.5 Política pública da sua cidade com relação aos jovens.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	39
APÊNDICES.....	41
APÊNDICE A – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO.....	41
APENDICE B- Entrevista semiestruturada para levantamento de dados.....	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico analisa as motivações que levam os jovens a saírem do campo; um estudo de caso da comunidade Canabrava, localizada no município de Nova Roma, Estado de Goiás. Este trabalho analisa entrevistas semiestruturadas aplicadas aos jovens que ainda permanecem na comunidade. Para obter um diagnóstico sobre os problemas da evasão desses jovens para as grandes cidades. O que me despertou a fazer esse trabalho com esse tema é porque desde pequena convivo com essa realidade, e esse problema se estende até hoje. Só agora, olhando com um olhar crítico para essa situação, percebo que é um problema, e muito grave. Sinto-me no dever de contribuir com a minha comunidade para que possam entender quais as necessidades desses jovens para poder continuar na comunidade, sem precisar deixar seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida.

A presente pesquisa faz um levantamento e análise de dados, com a aplicação de entrevista semiestruturada com jovens da comunidade, e suas necessidades para sua permanência no campo. O tema de pesquisa refere-se, às motivações que fazem crescer o processo migratório dos jovens da comunidade, Canabrava, localizada na zona rural do município de Nova-Roma Goiás. As bases teóricas se fundamentam no diálogo com os autores: Wanderley (2007); Abramovay, (1997); Faeg, (2010); Willian (2007); Caldart,(2008); Menezes, (2006); Brummer (2004), Patrick Champagne,(1986). Os autores mencionados foram fundamentais para a realização desta pesquisa, pois cada um deles apresenta uma concepção diferenciada em relação à saída dos jovens do campo, para as cidades. Essa pesquisa, também foi subsidiada com aplicação de entrevistas individuais, com jovens que ainda permanecem na comunidade Canabrava. Dentre os 20 jovens que ainda permanece na comunidade, cinco deles, responderam a entrevista. Fiz a escolha dos mesmos, pois dentre os 20 que ainda permanecem na comunidade, três deles já estão concluindo o 3º ano do ensino médio, e já falam que não vê a hora de terminar para partir, os outros dois entrevistados estão concluindo o ensino fundamental, mas também já falam que não vê a hora de concluir o ensino médio para partirem.

Além da introdução e da conclusão, esse trabalho está estruturado em três

capítulos.

O primeiro capítulo trata da metodologia e do instrumento de pesquisa e a trajetória .

O segundo capítulo busca a partir de diversos autores, quais expectativas e os desafios encontrados pelos jovens do campo para que eles possam continuar no campo, sem precisar ir para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida, analisando do ponto de vista teórico, as expectativas e as dificuldades para a permanência desses jovens no campo.

No terceiro capítulo descrevi de forma mais detalhada, o lugar onde essa pesquisa foi realizada, na comunidade, localizada no município de Nova Roma. E no final, descrevi um perfil dos jovens dessa comunidade.

Por fim no quarto capítulo analisa os resultados das entrevistas, aplicada por meio de entrevista semiestruturada, nos quais os jovens apontam os motivos de ficar e sair do campo.

CAPÍTULO I METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, é feita a abordagem da metodologia empregada no presente estudo. São apresentados os objetivos do trabalho, bem como a contextualização da comunidade pesquisada.

1.1- A metodologia adotada

O presente trabalho tem como base de pesquisa a metodologia qualitativa com estudo de caso. Por meio de interpretações, o estudo de caso envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetivos, de maneira a se obter o seu amplo e detalhado conhecimento. O estudo de Caso enquadra-se como uma abordagem qualitativa onde é utilizado para coleta de dados e estudos organizacionais, apesar das críticas que ao mesmo se faz, considerando-se que não tenha objetividade e rigor suficientes para se configurar enquanto um método de investigação científica.

De acordo com (Gil, 2006), o estudo de caso pode abranger análise de exames de registros, observação de acontecimentos.

É nesse sentido que me proponho a fazer o uso dessa pesquisa com o intuito de analisar, e entender os motivos que leva os jovens a sair da comunidade Canabrava e ir para as cidades.

1.2- Instrumentos de pesquisa

Este trabalho tem como eixo central a análise entrevistas semiestruturadas aplicadas aos jovens que ainda permanecem na comunidade. Às informações colhidas com a pesquisa entre os jovens, permitirão a realização de um trabalho, que visa entender os motivos que levam os jovens a sair da comunidade para as cidades. Pode se afirmar que foi uma entrevista semiestruturada, pois são questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. O informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigado da pesquisa. A entrevista deu-se de forma flexível e depende das circunstâncias que rodeiam

principalmente o informante e o teor do assunto em estudo. O roteiro de questões segue em anexo.

1.3 Minha história; comparação com a realidade vivida pelos jovens pesquisados.

Acho importante colocar minha história na pesquisa porque moro na comunidade desde que nasci, e convivo com essa realidade, passei pelos mesmos problemas dos jovens pesquisados, e o mais importante, sou jovem, e que tinha os mesmos anseios desses jovens.

Pra mim, o campo não tinha o que fazer, passava meus dias ansiosa para concluir meu ensino médio para partir, achava que a cidade iria me oferecer outras oportunidades, que o campo não oferece.

Tenho 28 anos, nasci e me criei nesta comunidade. Meus pais são agricultores e usam a terra, para plantar para nos sustentar, lá plantamos o arroz, o milho, o feijão, a mandioca, cria-se porcos, e galinhas, tudo para o consumo da família, sem fins lucrativos.

Minha vida não foi muito fácil, eu por obra do destino, engravidei faltando um mês para completar meus 19 anos, foi uma fase muito difícil da minha vida, tive que aprender na dureza, mas tenho uma concepção que nada acontece por acaso, tudo tem um propósito, e se Deus me enviou minha filha é porque eu precisava para me encaminhar na vida, enfim, amo muito meu tesouro, e se eu estou aqui é por ela, pois quero dar um futuro melhor á ela.

Na comunidade, só existe uma escola, que funciona como multisseriada, estudei na mesma até o terceiro ano das séries iniciais, no ano seguinte meu pai me matriculou na cidade de Nova Roma, motivos que ele dizia que a professora implicava comigo, ia de ônibus todos os dias. Os anos se passaram, e eu continuei estudando na cidade, até concluir o terceiro ano do ensino médio.

Encontrava muitas dificuldades, dentre elas, quando o ônibus quebrava, tinha que ir a pé, de carona, ou então os chamado pau de arara, onde o prefeito alugava um caminhão para fazer o transporte até a escola. Quantas vezes àquela turma de jovens saiam a pé para chegar até a escola, saíamos umas 10 horas para pegar o sol mais frio, para chegar lá meio dia, e dar tempo de tomar um fôlego para as aulas, às vezes levávamos roupas para trocar na cidade, mas às vezes ficávamos todos

suados, más fazer o que? Aquela era nossa realidade, difícil, mais que não tinha alternativa, sem contar que quando chovia e o ônibus atolava, e todos esses problemas se estendem até hoje. Depois de muito esforço conclui o terceiro ano. Depois que conclui o Ensino Médio, achei que não iria estudar mais, pois o município não oferece cursos profissionalizantes para nos ajudar a entrar no mercado de trabalho, entrar em uma Universidade era apenas um sonho, pois meus pais também não teriam condições de me ofertar isso.

Até que um dia, fui até a cidade de Nova Roma, e conversando com Astrogildo que trabalha no sindicato da cidade, ele me falou sobre o curso Licenciatura em Educação do Campo, disse para eu fazer a inscrição para então, fazer o vestibular, pois para ele, a oportunidade era única, pois para nós, povo do campo ter um curso superior, seria maravilhoso. Até brinquei com ele, que eu não conseguiria passar mesmo, iria só passear, depois de muito pensar, fiz minha inscrição.

Enfim, fiz minha prova em Planaltina, depois disso esqueci certo dia, Astrogildo me mandou um recado, que eu fosse até o sindicato, quando cheguei lá, disse que meu nome estava na lista de chamada, pulei de alegria, pois aquele era a iniciação de um grande sonho, o de estudar em uma universidade.

Para os meus pais então, uma felicidade muito grande, pois eu seria a primeira filha a cursar uma Universidade. Devido às dificuldades encontradas, pensei por várias vezes em desistir, más com a ajuda de Deus e força de vontade da minha parte, e ajuda da minha família, estou aqui concluindo o meu curso, e escrevendo essa monografia e dentro dela poder contar a realidade dos jovens e a minha realidade.

Como estudante da Licenciatura em Educação do campo, sinto-me no dever de mostrar para esses jovens da comunidade, que mesmo com todas as dificuldades encontradas para a permanência do campo, é preciso organizamos para lutar pelos nossos direitos, e que mesmo com os problemas, podemos mudar nossa realidade, fazendo com que o campo, seja um lugar acolhedor, com expectativas de uma vida melhor.

Pois dificuldades sempre vão encontrar, basta não se dar por vencidos, pois a luta é permanente.

CAPÍTULO II

JUVENTUDE DO CAMPO DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Os jovens estão indo embora! Essa expressão sintetiza uma imagem do jovem do campo no Brasil. A juventude do campo é constantemente associada ao problema da migração do campo para a cidade. Contudo “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais. Segundo GROPPPO:

A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (...) Trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, principalmente de representações simbólicas e situações sociais. (GROPPPO, 2000, p.7)

Segundo os autores Portela e Fernando (2007) podemos definir o êxodo rural, como o deslocamento de pessoas que vivem no campo e saem para as cidades, e isso na maioria das vezes acontece quando as pessoas do campo não veem perspectivas de vida melhor, e buscam novos horizontes nas cidades. Para esses autores, os principais motivos que levam essa migração, é a busca de melhores empregos, melhores salários, estudos de qualidade, melhor qualidade na saúde e lazer, ou seja, eles têm a necessidade de infraestrutura.

Com o êxodo avassalador, as cidades recebem um número muito grande de migrante, com isso, os empregos não são suficientes, e com a alta taxa de desempregados, os mesmos passam a morar nas chamadas periferias (favelas).

Na maioria das vezes, as favelas são constituídas por pessoas que vem do campo, e trazem na bagagem, esperança de uma vida nova, quando chegam se deparam com outra realidade, e muitos sem ter como voltar, são obrigados a viver em extrema pobreza.

No contexto da grande desigualdade social. Assim como nos graves desequilíbrios regionais-marcos históricos da sociedade brasileira, grandes mudanças estruturais ocorridas na segunda metade do

século XX tornaram simultâneas e a urbanização e a metropolização.
(BRITO. 2005, p.63)

Isso acontece porque ao longo dos anos, as políticas públicas e econômicas promovem, na maioria o êxodo, a industrialização entre outros, provocando a construção das chamadas favelas. Com isso, essas pessoas passam a viver em condições subumanas, pois não havendo empregos para todos, são obrigados a viver em extrema pobreza.

Ao fazer o estudo da Constituição observa-se que as políticas públicas significam o Estado em ação, ou seja, as políticas públicas serve para dar suporte as pessoas, definidos no artigo 6 da constituição Federal brasileira de 1988 como; Educação, saúde, lazer, segurança, previdência social, proteção á maternidade e á infância e assistência aos desamparados, um direito de todos os indivíduos, sem distinção de grupos e classes sociais, e quando o estado não da suporte, as pessoas sofre com o abandono e o descaso.

E essas pessoas que vivem na miséria, são pessoas com baixo nível de escolaridade, que mal sabem escrever seu nome, onde essas pessoas recebem os salários mais baixos. Seguindo o raciocínio de Brito (2005), podemos dizer que existe uma metrópole de pobres.

Nessas favelas, a população normalmente conta com o serviço de uma escola, com grande número de estudantes por sala de aula, e hospitais superlotados, com condições precárias de atendimento, com tudo isso a população sofre com mau atendimento desses serviços, causando assim, um transtorno a população. Com o descaso do campo quem mais sofre são os jovens, sem oportunidades de crescer, não veem alternativa, a não ser à saída do campo para as cidades.

Com o êxodo rural desses jovens, causa um grande impacto, como para a educação, quando esses jovens saem da comunidade fica uma pequena quantidade de estudantes, na maioria das vezes as escolas do campo são fechadas por falta de alunos, sendo assim, se vê obrigados a irem para a cidade para concluir os estudos. Outra perda é o da cultura, quando esses jovens saem vivenciam outra realidade, aquela cultura que vivenciaram na comunidade, já não faz mais parte do cotidiano. Permanecendo na comunidade só os mais velhos aposentados, que tem um vínculo de amor com a terra.

Uma das necessidades que leva os jovens a sair do campo para as cidades são as dificuldades financeira que os pais encontram para manter a família, às vezes, são necessidades simples, que para um jovem faz muita diferença, por exemplo, comprar um xampu, roupas, é fatores determinantes para sair.

Para Menezes (2006, p. 2-3) “apesar, da juventude rural, esta inserida na lógica da produção e consumo da família, trata-se também de considerarmos suas demandas, desejos e interesses específicos”.

Os jovens que permanecem no campo, mesmo que trabalham com a família, não estão satisfeitos com as condições que o campo oferece, pois mesmo trabalhando com a família, não vão ser remunerados com dinheiro, e os jovens sentem a necessidade disso, às vezes querem comprar uma roupa nova e não tem dinheiro, quer sair para uma festa, não tem dinheiro, e isso, é uma necessidade dos jovens. E essa dificuldade torna-se mais difícil, quando se fala de jovens do sexo feminino, pois a oportunidade de serviços para mulher que vive no campo é bem mais complicado. Pois o trabalho da roça exige mais esforço físico, então sobra para as mulheres, à única alternativa, do serviço doméstico um serviço menos duro, que acaba sendo desvalorizado. Conforme Castro (2005, p. 322);

Á falta de renda e de autonomia das mulheres age de maneira diferenciada sobre os rapazes, como; nas atividades desenvolvidas pelos pais no campo etc. enquanto a menina fica nas atividades desempenhadas pelas mães, como limpar a casa, lavar uma roupa, ou seja, os afazeres domésticos.

Além disso, sofrem muitos preconceitos como; sair de casa, ter a liberdade de ir e vir, muitas dessas jovens, só sai de casa, quando se casam.

[...] Os assuntos relativos á terra estão concentrados na figura masculina, o que repercute no fato de que muitas mulheres acabam abandonando a unidade, pois não veem perspectivas de trabalho na agricultura, sendo desde cedo direcionadas a outras atividades e conseqüentemente não sendo vistas como gestoras da unidade (COSTA, 2006, p.95)

A posição mais critica das mulheres decorre da desvalorização das atividades que desempenham na agricultura familiar e pela invisibilidade de seu trabalho (Paulilo, 2004), também pelo pouco espaço a elas destinado na atividade agrícola,

comercial, onde atuam como auxiliares.

As atividades produtivas das mulheres camponesas são marcadas pela invisibilidade, pelo descaso. Os trabalhos domésticos que elas executam, seja na horta, no quintal, não são considerados como horas de trabalho, mesmo que seja um trabalho importante para a renda familiar, na maioria dos casos, são casos que são vistos apenas, como um complemento para a renda familiar.

De acordo com Paulilo (1987), são consideradas 'trabalhos leves' são aqueles realizados pelas mulheres e crianças aqueles pesados, são feitos pelos homens, pois exige muito da força física.

Diante disso, o trabalho das mulheres é considerado um trabalho leve, enquanto os trabalhos dos homens são considerados pesados, pois são os homens que trabalham na roça, um trabalho árduo que exige muito da força física. Com isso, os trabalhos das mulheres são desvalorizados, por esse motivo é que elas saem do campo em maior quantidade do que os homens, exatamente pela invisibilidade do trabalho feminino, fazendo com que o campo se torne masculinizado, e envelhecido.

Segundo Abramovay e outros (1998), em decorrência do processo do êxodo rural, está o processo envelhecimento da população, bem como se percebe recentemente um severo processo de masculinização do campo, já que as mulheres estão deixando a zona rural em uma proporção maior que os rapazes.

Diante dessa problemática, outro autor nos dá mais uma contribuição: Segundo Brumer, (2004) as mulheres saem mais do campo, do que os homens, em busca de empregos mais rentáveis, melhores condições de vida. Com o êxodo avassalador desses jovens, o campo fica masculinizado, e envelhecido, pois só vão ficando no campo, aquelas pessoas mais velhas, que vivem da aposentadoria, e que não querem abandonar o campo, uma questão de amor, vínculo que os mais velhos têm com a terra. Eles veem as cidades, como um lugar ruim para se viver, pois para eles, nas cidades só oferece drogas e violência.

É preciso mudar a realidade das mulheres no campo, e assim poder tirar essa ideia que esses serviços do campo são apenas para homens, com isso permitindo reverter á tradicional exclusão das mulheres nas atividades agrícolas, fazendo com que as mulheres tenham melhores condições de vida no campo.

Outro fator que leva ao êxodo desses jovens é o meio de produção, pois na maioria das vezes, quem fica com a parte da produção são os pais, os jovens

acabam ficando apenas com a força de trabalho, com isso, muitos jovens ficam revoltados, e a única alternativa que encontram, é a saída de casa, procurando melhorias de vida, e quem sabe até se tornar donos do próprio negócio.

Quando falamos em Educação do campo, logo nos lembramos das lutas, desafios, das derrotas, também das conquistas que os movimentos sociais e as organizações escolares, igrejas etc. conseguiram, tudo isso a fim de propiciar um futuro melhor aos sujeitos do campo.

De acordo com Caldart (2000) a educação do campo, nasceu através de exposições, seminários e debates, e o objetivo principal, é refletir sobre a identidade, que vem sendo construída pelos sujeitos que lutam por uma educação do campo.

Com tudo isso, é importante sabermos que uma escola do campo não é uma escola diferente, e sim, uma escola inovadora, que reconhece o valor do povo do campo, fazendo com que os trabalhadores do campo, quilombolas, assentados, não percam o conceito de camponês, ou seja, priorizando suas culturas, seus saberes, seu jeito de ser, sem perder suas identidades. Pois ela é voltada aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos moradores, e trabalhadores do campo.

Com tudo isso, a educação do campo traz novas expectativas aos jovens, pois através, dela os mesmos recebem conhecimentos e transmitem para a comunidade, sem precisar deixar o campo para buscar ensino de qualidade. Pois a falta de políticas públicas planejamentos e investimentos, faz com que muitos jovens mudem seu roteiro de vida, tendo que procurar outra forma para sobreviver, e não vê outra forma, a não ser o de ir para as cidades.

Os problemas enfrentados pelos jovens são antes de tudo problemas enfrentados pela pequena produção familiar, como as difíceis condições de vida e de produção. Nesse contexto, algumas dificuldades atingem de forma mais direta os jovens do campo (Castro, 2005); há consenso nas pesquisas quanto às dificuldades enfrentadas pelos jovens do campo, principalmente de acesso à escola e ao trabalho. Se por um lado reforçam questões consideradas específicas, como o difícil acesso a terra para os jovens do campo, por outro lado, constroem essas demandas no contexto de transformação social da própria realidade do campo. A educação do campo veio para que o povo do campo, viva com dignidade e que resistam à expulsão e a expropriação do campo, seja no âmbito histórico, ou cultural.

De acordo com Caldart (2003):

Há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades. A maioria da população que vive no campo é considerada como a parte atrasada e fora do lugar no almejado projeto da modernidade. (P.77)

Trabalhar os interesses, a política e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo; Pensar num conjunto de transformação que a realidade vem exigindo nesse espaço social; respeitando seus princípios e valores adquiridos por seus antepassados.

Assim, o “ficar ou sair” do campo nos remete à análise da juventude do campo como uma categoria social-chave pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo, e para a educação do campo tornou-se uma questão estratégica”.

CAPÍTULO III

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO E DOS SUJEITOS DE PESQUISA

3.1 Breve históricos do Estado de Goiás

O Estado de Goiás “situa à leste da região centro-oeste, no planalto central brasileiro. O seu território é de 340.086 km², sendo delimitado pelos estados do Mato Grosso do Sul a Sudoeste, Mato Grosso a Oeste, Tocantins a norte, Bahia a nordeste, Minas Gerais a leste, Sudoeste e sul e pelo Distrito Federal a leste” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1s>).

Goiás é o estado mais populoso do Centro Oeste, com 6 004 045 habitantes, e o nono mais rico do país. O estado está localizado, entre chapadas, planaltos, depressões e vales.

A agropecuária é a atividade mais explorada no estado, e uma das principais responsáveis pelo rápido processo de agro industrialização que Goiás vem experimentando. Privilegiado com terras férteis, água abundante, clima favorável, e um amplo domínio na tecnologia de produção, o estado é um dos grandes exportadores de grãos, além de possuir um dos maiores rebanhos do país.

Atualmente, o estado de Goiás, enfrenta um grande desafio, tentar conciliar a expansão da agroindústria e da pecuária, com preservação do cerrado, considera uma das regiões mais ricas do planeta em biodiversidade.

No caso da atividade agrícola, o estado destaca-se na produção de arroz, café, algodão, feijão, milho, soja, sorgo, trigo, cana-de-açúcar, alho e de tomate. Goiás tem a liderança na produção de gado.

Em decorrência das cooperativas, e das agroindústrias locais, e a agroindústrias multinacionais e com a chegada de maquinários, e outras tecnologias, fez com que o agronegócio se consolidasse. O campesinato no estado de Goiás reduziu muito, com isso os camponeses tiveram que se adaptar aos programas e a expansão do agronegócio.

Com a força do agronegócio no estado, os camponeses se viram obrigados a trabalhar para oposição, ou seja, para o agronegócio, muitos deles, por meio de cooperativas, com contrato assinado, esses trabalhadores acumulavam dívidas, e sem condições de pagá-las, esses trabalhadores se viam obrigados a vender as

propriedades para quitar as dívidas, e com isso se viam obrigados a saírem do campo para as cidades, causando assim, à migração camponesa. Com a expansão do agronegócio, o estado de Goiás, é o campeão que mais produz commodities, como grãos para a exportação, com tudo isso, o estado:

(...) Se destaca entre os principais produtores de algodão (3 lugar), Cana-de-açúcar e soja(4 lugar), milho e feijão(5 lugar). Esta a liderança nacional na produção de sorgo e tomate, e na segunda posição como produtor de alho e ervilha (FAEG,2010,p.1 apud in Souza, p.80)

Em decorrência disso, a educação do meio rural sofre, pois diminuí as escolas do campo mesmo com todos esses problemas, o campesinato, tenta se reerguer, lutando pelo direito a terra, com isso, formando os assentamentos, surgindo aí uma disputa acirrada entre o campesinato e o agronegócio, pois se percebe que as sojas são plantadas em maior quantidade, a presença de assentamentos de luta pela terra, que estão ligados ao campesinato. Com o avanço do agronegócio no estado, as escolas do campo diminuem, nesses lugares há poucas escolas estaduais, e em alguns lugares, não existe nenhuma. Com a redução dessas escolas, o povo camponês sofre, com as desigualdades, pois é no estado que se concentra o maior número de analfabetos. Com esse avanço do agronegócio, acontece a desterritorialização do campesinato, e a redução das relações campesinas, e do modo de vida a qual vive o camponês.

Mapa 1 – Estado de Goiás



Fonte: www.voyagesphotosmanu

3.2 Breve histórico do município de Nova Roma

O município de Nova Roma, está localizado na região nordeste do estado de Goiás, na micro região da chapada dos veadeiros, a 571km da capital do estado, e 380km da capital Federal, com uma área total de 2.999 km.Km²

Com relação a trabalho, só tem serviço garantido aqueles que são funcionários da prefeitura, pelo contrário as outras, pessoas que não são empregadas, tem que ir para as fazendas que cercam o município, ou trabalham de diária para se manter.

Muitos jovens trabalham nesse serviço pesado, outros, passam o dia todo sem fazer nada, alegam que esse trabalho não é para eles. Muitos desses jovens, são sustentados pelos pais. Além do serviço pesado, ainda ganham muito mal, resumindo trabalham muito e se ganha pouco. Sem ter muito que fazer e ocupar a mente, esses jovens começam a beber muito cedo, afinal o ponto de lazer deles, é o bar, se envolve com as drogas, e muitos deles aprendem a roubar.

Para se ter uma ideia, a cidade só tem duas escolas, uma Municipal e a outra Estadual onde os alunos concluem até o terceiro ano do ensino médio. Depois que se conclui o terceiro ano, não se tem mais o que fazer, vai trabalhar pesado, ou ficam atoa, ou vão para as cidades em busca de melhorias que o município não oferece.

Todo período de campanha eleitoral, os candidatos colocam a situação dos jovens, falam que se ganhar vai investir em empregos para os jovens, mas quando ganham, fica do mesmo jeito.

Nova Roma, todo final de ano perde muitos jovens, pois quando se conclui o terceiro ano, os jovens já começam os preparativos para irem embora, deixando um grande vazio em nossa cidade.

Esses jovens só retornam para votar, ver seus familiares, e para participar das festas comemorativas existentes no município, como a festa de São Sebastião, que é comemorado no mês de Julho, a festa de Nossa senhora da Abadia, que é comemorado em agosto, em uma comunidade chamada Ourominas, localizada uns 40 km do município de Nova Roma. Esses são os únicos atrativos que levam os jovens a retornar à cidade.

Apesar de que hoje em dia, isso acontece com menos frequência, pois os jovens vão perdendo a cultura presenciam outros modos de vida, até esquecerem totalmente o que vivenciaram desde pequenos. Contam-se os mais velhos, que antigamente as festas eram mais animadas, viam gente de outros municípios para participar, hoje não se pela quantidade de jovens que saíram, ou pela perda da cultura, as festas estão quase acabando. As festas já não são mais atrativos para que as pessoas voltem à cidade. Os jovens da comunidade falam, entram ano, sai ano, entra prefeito e sai prefeito, e a cidade não se desenvolve. E a tendência é só piorar, pois os órgãos competentes da região, não vê o êxodo desses jovens como um problema, estão preocupados em encher seus bolsos, e viver bem, não pensam na população.

Enquanto eles lucram com o dinheiro público, a população Nova romana sofre com o descaso. E enquanto a mudança não acontece Nova Roma perde mais jovem, causando um grande vazio na cidade.

3.3 Caracterizações da comunidade Canabrava

A comunidade de Canabrava está localizada a 6 km do município de Nova Roma Goiás. A estrada que liga a comunidade até a cidade é de chão, e quando chove fica em péssimas condições de tráfego dificultando assim, o acesso até a cidade. Com isso, nossa comunidade recebeu esse nome Canabrava, uma comunidade tradicional, onde não houve luta pela terra, pois nossas terras são passadas de geração em geração.

Na pequena comunidade, moram 37 famílias. Dentro da comunidade existe uma escola de ensino fundamental chamada professor Rosendo Barbosa, na escola estudam vinte e dois alunos, e funciona como multisseriada, na escola existem 2 salas, 2 banheiros e 1 cantina, onde se prepara o lanche dos alunos. Em uma das salas, estudam crianças de primeiro ao terceiro ano, e a outra, crianças de quarto ao quinto ano das séries iniciais do ensino fundamental.

Para o atendimento das crianças, a escola conta com duas faxineiras, uma cozinheira, e duas professoras, e a escola só funciona no período da tarde. Na comunidade, a educação é no campo, porém só tem até a quinta série do ensino fundamental, só que não estuda a realidade do campo, o estado faz suas demandas,

e eles acatam.

Os professores ainda trabalham de forma tradicional, só seguem os livros didáticos, as crianças passam o tempo todo estudando outra realidade, totalmente diferente à vivida por eles, esse pode ser o motivo da dificuldade encontrada pelos alunos. Talvez, se estudassem coisas da própria realidade, o aprendizado ficaria bem mais fácil. Depois que concluem as séries iniciais do ensino fundamental, vão para outra escola, localizada a 6 km da comunidade. Nessa comunidade, segue os mesmos métodos de ensino. Para esses jovens a realidade vivida por eles, fica muito distante da escola, sendo que os professores poderiam usar os livros didáticos, associado com a realidade vivenciada pelos jovens.

Nessa escola, as professoras não trabalham as tradições da comunidade, só na mesmice, não procuram fazer uma aula diferenciada, estudando a realidade da comunidade. Para os professores, as tradições e a cultura não são temas de estudos, sim, perca de tempo.

Na comunidade, não se tem lazer, o único ponto de diversão são dois bares existentes dentro da comunidade, onde essas pessoas se reúnem para conversar, e para passar o tempo sentam embaixo das árvores para colocar os papos em dias. Outra diversão é quando tem festas, onde esses jovens se encontram para se divertir, enfim, esses são os pontos de lazer existentes na comunidade. Nossa comunidade é um lugar pacato, que não tem muito que fazer.

Na comunidade, o trabalho mais frequente é o braçal, de sol a sol, um trabalho que exige muito da força física, um trabalho que não tem sol, nem chuva, feitos todos os dias. Os jovens falam que não querem essa vida de trabalhar na roça. As mulheres ficam com o trabalho de casa como; lavar roupa, limpar a casa, entre outros. Na terra se cultiva o milho, feijão, cana de açúcar, tudo para o consumo das famílias, sem fins lucrativos.

Dentro da comunidade foi construído um posto de saúde, que às vezes funciona, às vezes não, e quando chega a funcionar é uma vez por semana, o médico sai da cidade para fazer o atendimento, um posto precário que não tem os equipamentos necessários, não tem água encanada, só se faz mesmo as consultas, pois se os pacientes precisarem de medicamentos tem que se deslocar até a cidade para pegá-los.

Quando o posto não funciona e precisamos de assistência médica, temos que

correr para a cidade, pois temos uma agente de saúde que trabalha dentro da comunidade, que só faz o acompanhamento dos hipertensos, crianças com até 2 anos de idade, e gestantes. Mas tudo isso depende do prefeito que entra, pois a política de todos os municípios acaba menos a politicagem.

Na comunidade tem uma Igreja, onde festejamos as festas religiosas tradicionais que envolvem a comunidade, e as comunidades vizinhas, como; a festa junina, que se comemora nos dias 23 e 24 de junho, para que essa festa possa acontecer, precisa de um rei e uma rainha, e todas tem que ser crianças. Todo ano, se coloca nomes de crianças, e se faz o sorteio, aqueles nomes que foram sorteados, serão os festeiros do próximo ano.

Festejamos também, a festa de nossa Senhora de Lurdes, que se comemora nos dias 10 e 11 de Fevereiro, onde os festeiros são novamente um rei e uma rainha, só que agora adultos, sendo que um dia de festa acontece à caçada da rainha, ela se esconde, e as pessoas montadas à cavalo vão a procura, quando encontra é aquela festa.

À noite acontece um baile, onde se contrata cantores para tocar na festa, e a festa vai até amanhecer o dia. O dinheiro arrecadado é destinado a Igreja. A comunidade toda se mobiliza, ajudando na organização da festa, onde as pessoas também doam muitas coisas, e com essas doações, já se construiu a Igreja, e agora está construindo um salão próprio para as festas. Com isso a solução encontrada pelos jovens, é a saída para as cidades, em busca de novas oportunidades.

Como a comunidade não oferece oportunidades, o êxodo rural dos jovens é muito grande, Canabrava tem umas 37 famílias, lá antigamente tinha aproximadamente 150 jovens, hoje só restam uns 25, esses só estão esperando o momento certo para partirem, alegam que querem trabalhar, ganhar um salário melhor, com isso a comunidade está ficando vazia, só com os mais velhos e aposentados.

Mesmo com todos os problemas existentes na comunidade, tem muitas coisas boas, um lugar tranquilo de viver, sem violência, um lugar com terras férteis. Uma comunidade arrodada de natureza, com uma bela paisagem, e uma bela serra ao redor, de encher os olhos. Uma comunidade tradicional com muitas tradições, e cultura que se passa de geração em geração.

3.4 Quem são esses jovens da comunidade?

Os jovens da comunidade são jovens com faixa etária de 13 aos 18 anos, cheios de vida e desejos de conhecer coisas novas, no entanto a evasão dos jovens é muito grande, hoje só restam uns 20 com essa faixa de idade, o restante, foi para as cidades, a maioria vai para Goiânia, Brasília em busca de novas oportunidades como; empregos, melhores salários, muitos deles dão continuidade aos estudos, e entram em uma Universidade. Outros preferem apenas trabalhar.

Esses jovens que ainda permanecem na comunidade, são estudantes do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, que vão para as cidades quando terminar os estudos, pois na comunidade só existe o ensino das séries iniciais. O colégio localiza-se no município de Nova Roma, e fica a 6 km longe da comunidade, contam com um ônibus para fazer o transporte desses alunos até o colégio. O colégio que recebe esses jovens chama-se, Colégio Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, lá estudam os jovens da cidade, e das comunidades vizinhas.

Quando esse ônibus quebra, uns vão de moto, e a maioria não vão. Hoje em dia os jovens não querem mais andar a pé, se o ônibus ficar uma semana sem ir buscar, eles ficam a semana sem ir à aula.

Esses jovens são estudantes, e muitos deles trabalham na roça para se manter, como para comprar suas próprias roupas, perfumes, sapatos entre outras necessidades.

Esses jovens são filhos de agricultores, que trabalham de sol a sol para manter o sustento da família. Nesta terra, eles cultivam o milho, mandioca, feijão e hortaliças, criam porcos, galinhas e alguns deles, criam gados, tudo para o próprio consumo. Muitos desses pais são analfabetos funcionais, pois relatam que antigamente o acesso educação era mais difícil, por isso lutam para que seus filhos não passem pela mesma situação de dificuldades.

Como o trabalho no campo é muito árduo, não querem viver aquilo que os pais vivem, por isso deixam a comunidade em busca de novos horizontes. Um dos autores que adotam esse ponto de vista da migração dos jovens é Champagne (1986), para ele, a migração pode ser explicada pela rejeição à atividade agrícola.

Em outras palavras, a migração pode ser explicada, porque os jovens não

querem mais trabalhar na roça, um serviço braçal, um trabalho muito cansativo, daí que dá a rejeição dos jovens, fazendo com que eles saem do campo, em busca de outros trabalhos.

Segundo o autor, o não querer viver o mesmo modo de vida vivido pelos pais, a crise de reprodução, passa a ser então uma crise de identidade social, ou seja, negando sua identidade de trabalhador do campo. Ao fazer este estudo, descobri que os jovens acham que o modo de trabalho urbano, é mais valorizado do que no campo, levando a acreditar que o serviço da agricultura seja desvalorizado, pois não tem férias, nem fins de semana livre, além de ser um trabalho árduo, desconfortável, com baixa remuneração.

A evasão desses jovens é preocupante, pois a quantidade de jovens que deixam a comunidade é grande. Eles saem em busca de melhorias, esquecem de que nem tudo lá fora é um mar de rosas eles precisam trabalhar para pagar as despesas, e com um salário que na maioria das vezes muito baixo, com isso se veem obrigados a trabalhar em mais de um emprego, com carga horária maior que o normal, é as chamadas horas extras, para suprir as despesas e ter um dinheirinho a mais no final do mês.

Muitos desses jovens moram em pequenos barracos com dois cômodos, moram com outros jovens, às vezes, da mesma comunidade, então dividem as despesas.

Como a maioria desses jovens, são de famílias sem muitas condições financeiras, quando vão para as cidades, moram em periferias e como muitos deles nunca tiveram a visão do mundo lá fora, acabam muitas vezes se envolvendo no mundo das drogas, e do alcoolismo, e da prostituição.

Percebe-se, que muitos desses jovens entram nessa vida, porque querem se igualar aos jovens da cidade, e tem medo de serem excluídos do grupo, ou até mesmo, para não serem chamados da roça pelos colegas, pois quando o povo do campo vai para as cidades são tachados como; pessoas burras, peões, pois o povo da cidade vê o campo como um lugar de atraso, então esses jovens entram nessa vida para se igualar e para serem aceitos.

O povo do campo também é chamado de jeca tatu, pois a sociedade em geral, colocou esse rótulo no povo do campo, como sendo pessoas preguiçosas, e miseráveis. Para Lobato:

Jeca tatu é exemplar do caboclo brasileiro. Um grande preguiçoso, símbolo de atraso e da miséria, um genuíno representante do campo” epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie. . (LOBATO 1951, p.234)

Na comunidade, necessita de políticas públicas, e que estas sejam voltadas a realidade da zona rural, para que o povo do campo tenha dignidade e o valor que qualquer ser humano necessita, seja ele morando no campo, ou na cidade.

E com isso desmitificar a visão ruim das pessoas que moram no campo, mostrando que viver no campo é muito prazeroso, só que precisam lutar para mudar essa realidade, e poder tirar esse rótulo que colocaram sobre o camponês, mas para que isso aconteça, é preciso que os jovens e a comunidade se organizem, lutando pelo que é de direito. Os trabalhos existentes na comunidade Canabrava são atividades laborais braçais conforme fotos a seguir, referentes a atividades de subsistência. Onde as pessoas trabalham de sol a sol, e só consegue produzir o necessário para seu sustento .

De certa forma podemos afirmar que o poder público parece ignorar essa realidade, não aponta nenhum caminho de melhoramento de qualidade de vida, o povo sofre dia a dia. O desânimo marcado na expressão dos colonos demonstra uma condição de incapacidade ou frustração de controlar o ambiente/natureza para que o trabalho braçal não seja em vão. Em poucos minutos, o resultado do esforço anual pode ser destruído por intempéries climáticas prejudicando a produção total ou parcialmente; obtendo um produto final não compatível à expectativa, reduzindo o ingresso de renda.







CAPÍTULO IV

ANALISE DE DADOS

4.1 Expectativas dos jovens da comunidade Canabrava; porque ficar? Porque sair do campo?

Este capítulo apresenta a análise das entrevistas realizadas com os jovens da comunidade Canabrava, no sentido de obter informações que serão utilizadas para análise de dados, com isso, entender os motivos que levam esses jovens a ficar. E porque sair do campo? Isso sintetiza as necessidades que os jovens sentem para a permanência na comunidade.

Essa pesquisa foi realizada através de um roteiro de perguntas que consta em anexo ao final deste trabalho (Apêndice A).

A escolha dos mesmos se justifica porque três deles estão concluindo o 3º ano do ensino médio, e já estão ansiosos para partirem, os outros dois entrevistados ainda estão concluindo o ensino fundamental, mas já falam que não veem a hora de terminar para irem embora, podendo assim, emitir opiniões a respeito dos motivos que levam esses jovens a partir. Segundo um dos jovens entrevistados, Nova Roma é um lugar bom de viver, pois é um lugar tranquilo, com pessoas hospitaleiras, só que não oferece oportunidades que faz a população crescer, principalmente para os jovens. Não tem empregos, nem cursos para inseri-los no mercado de trabalho, não se tem lazer, a única coisa que o prefeito construiu, foi um ginásio de esportes, onde de vez em quando organizam campeonatos. Outra diversão que os jovens encontram quando se tem festas.

Com relação ao questionário aplicado com os jovens, foi possível observar que eles sentem muito orgulho do lugar onde moram devido, à falta de políticas públicas voltadas aos jovens, deixa a desejar, faz com que eles se vão, em busca de novos horizontes.

Ao aplicar o questionário com os jovens, as respostas foram bem parecidas, pois desde que nasceram, presenciam essa defasagem dos jovens, conforme apresentadas a seguir.

Quando questionados a percepção deles sobre a comunidade, os entrevistados destacaram que gostam do lugar onde vivem, pois é um lugar bom de

viver, sem violência. Segundo esses jovens, eles se vão, porque na comunidade não tem nenhum tipo de recurso que possam dar boas condições de vida a eles, como trabalho, cursos profissionalizantes, lazer.

Quando questionados quais os objetivos quando saem da comunidade, eles responderam que é para ter um bom emprego, cursar uma Universidade, e assim, poder ajudar a família que permaneceram na comunidade.

Os jovens relatam também que pretendem voltar à comunidade, não para aplicar o que aprendeu fora, pois o município não dá o suporte necessário para que possam desenvolver o que aprenderam, pois alegam que na comunidade não tem nenhum tipo de desenvolvimento, que possa estar de acordo com os objetivos deles, pois sonham alto. Mas sim para rever a família, os amigos e a comunidade.

Ao serem questionados sobre as políticas públicas alguns deles não souberam responder, apenas uma das entrevistadas respondeu que é um caos, pois para ela entra político e sai político e os jovens continuam sem ser vistos, segundo ela, a cidade não oferece muito, por isso muitos dos jovens vão embora. Para eles, sair da comunidade não é fácil, devido as grandes cidades, ser desenvolvida, pode oferecer a eles, o que eles tanto procuram uma boa qualidade de vida. Segundo esses jovens, se vão porque o trabalho das pessoas do campo, não tem valor, se matam de trabalhar e são pouco remunerados.

Champagne (1986) descobriu diante de muitos estudos, que os jovens acham que o modo de trabalho urbano, é mais valorizado do que no campo. Diante disso, não veem alternativas, a não ser ir para as grandes cidades, em busca de novos horizontes. Relatam também, que esperam do poder público que; em primeiro lugar; que a comunidade ofereça cursos profissionalizantes aos jovens, e que o poder público possa gerar empregos para todos os moradores, com isso ter desenvolvimento.

É lamentável a realidade, mas o descaso é muito grande com a zona rural. Contudo observa-se que é necessário fazer intervenções acerca da permanência dos jovens na zona rural no primeiro momento pode até causar polêmica pois os jovens em si, trata de indivíduos em fase de mudança psicossocial, isto é, pessoas que estão deixando de ser criança e partindo para a fase adulta.

Mas ao conversar com alguns jovens no meio rural, surgem questionamentos quanto à permanência na propriedade e conseqüente continuidade dos afazeres da

família ou ao abandono da propriedade, na entrevista realizada 95% dos jovens disseram que não quer continuar no campo, pois não querem repetir a história dos seus pais, ou seja, não querem trabalhar na roça.

Então se observa que tudo isso tem sido um fator de expulsão da população, os resultados obtidos nas entrevistas, o propulsor maior para o processo migratório, está na busca de trabalho de qualidade de vida. Isto ficou bem claro no contato que obtive no processo de aplicação das entrevistas assim passo a se afirmar que para os jovens que dispõem maior escolaridade e o interesse em migrar mostrasse mais exacerbado, se sente mais ansioso visto que aspiram maiores e melhores oportunidades produtivas outro fator de atração para o jovem é o desejo de melhorar de vida propiciar melhores condições aos familiares.

4.2 O lugar onde vive

Mediante a entrevista nota-se que os jovens gostam muito do lugar onde vivem, porém, não vê expectativas de futuro, pois o local não oferece nenhum atrativo, e nenhum tipo de entretenimento. O fato de elas procurarem trabalho no meio urbano abre espaço para que estas sonhem com uma carreira profissional mais valorizada, já que as oportunidades de empregos diferenciados. Porém veem povoado Canabrava como um possível lugar para curtir na velhice, como um lugar tranquilo, de clima agradável.

4.3 Motivos que levam os jovens dessa comunidade a sair para as cidades.

Ao longo da conversa nota-se que os jovens sentem a necessidade de deixar tudo e ir à busca de algo melhor indicando a necessidade de um novo tratamento que garanta o mínimo existencial, observado o sistema dos direitos humanos, e apontar eventuais soluções para dirimir tais problemas. Vão à busca de algo melhor estão em busca de emprego, melhores salários, estudos e qualidade de vida, onde saem do pequeno Povoado com intuito de mudar de vida visto que é grande o número de jovens que se vão.

É notório que o povoado não se tem muito que fazer os jovens passa grande parte do seu tempo ocioso e isso acaba tornando angustiante, criando assim cada

vez mais o desejo de ir embora visto que ao conversar com alguns jovens é perceptível a angústia de se sentir isolado, de não poder interagir, pois até os meios de comunicação são de difícil acesso. Nos dias atuais se privar de ter um celular, não acessar internet não são fácil, e os governantes parecem esquecer que no povoado Canabrava assim como outras comunidades rurais tem vida, tem gente, tem jovens, querendo viver, querendo falar, querendo ter contato com o mundo.

Tratar desse tema nos levou a entender que precisamos lutar pelos nossos direitos, precisamos pedir socorro de uma vida melhor, para os que aqui escolheram viver precisamos ter o mínimo de dignidade. Viver no campo é bom é prazeroso, mas a realidade precisa mudar.

4.4 Os objetivos dos jovens quando saem para as outras cidades

O sair do povoado se resume na busca de oportunidades, de crescimento profissional, de estudar e construir uma carreira promissora que venha a oferecer uma vida confortável um dos principais condicionantes do êxodo e a busca das pessoas do campo por melhores condições de vida, materializadas por oportunidades de emprego e lazer.

4.5 Política pública da sua cidade com relação aos jovens

As políticas públicas precisam ser repensadas, pois são totalmente esquecidas o poder público não liga a mínima para os pequenos produtores e nem para dos jovens não abrange a realidade e os costumes dos jovens do campo. Faz se necessário e urgente direcionar os jovens incentivando, assegurando a eles perspectivas de vida mais dignas.

Pensar em políticas públicas estabelecendo metas e encaminham soluções para resolver problemas sociais nas mais diversas áreas, como educação, saúde, assistência social, habitação, lazer, transporte, segurança e meio ambiente, para as famílias localizadas no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, foi possível observar que os jovens gostam do lugar onde vivem, mas, faltam políticas públicas voltadas para eles.

Os dados analisados mostram que os jovens sentem muito ao deixar a comunidade.

É angustiante ver que os jovens até querem ficar ao lado de seus familiares, mas não existem políticas públicas adequadas aos problemas à realidade do meio rural, ainda precisa de maiores investimentos, que garantem a estabilidade econômica e produtiva aos nossos jovens. Vale ressaltar, que os jovens representam o potencial mais importante de mudança na sociedade. Dentro desse contexto da realidade, observa-se que a insatisfação diante das oportunidades de crescimento destinadas aos jovens da comunidade Canabrava, onde a pesquisa se fundamentou é muito grande. Diante dessa problemática, é importante analisar também, suas determinantes, junto àqueles que ainda não saíram da comunidade (campo), e resistem aos fatores que possam impulsionar a um futuro abandono.

Mediante a este estudo, através da caracterização da comunidade Canabrava, bem como dos resultados dos fluxos migratórios, e das perspectivas dos jovens quanto à migração, pode-se concluir que, os jovens da comunidade veem no processo migratório, uma alternativa para melhorar as condições de vida, e poder ajudar a família, que ainda permanecem na comunidade. Isto em virtude de melhores níveis de remuneração esperada nos lugares de destino, em relação ao seu lugar de origem.

Portanto, o que se espera com este trabalho, é poder despertar entre os jovens a vontade de permanecer na comunidade, buscando melhorias para o campo, mostrar também que existem alternativas para melhorar a realidade, basta se organizarem e lutar pelos direitos, pois viver no campo pode ser bom e prazeroso, só precisa mudar a realidade. Os resultados da pesquisa foram alcançados de forma satisfatória com a contribuição dos autores estudados e com os jovens da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. et al. Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília, DF: UNESCO, 1997.

BRITO F.; **SOUZA**, R. Migração e mobilidade na expansão da região metropolitana de Belo Horizonte: o caso de Nova Lima. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

BRUMER, A. O trabalho da mulher na pequena produção agrícola. In Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, vol 11/12 (2004), p. 305-322

CALDART, Roseli Salete in Dicionário do Campo/Organizado por Roseli Salete 2008

CALDART, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto3. ed. reimpr.Rio de Janeiro, São Paulo; Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular.2003. 788p.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. IN: CALDART, Roseli Salete et al (Org).Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Ed. Expressão Popular, 2000

CHAMPAGNE P. Alargamento do espaço social e da crise de identidade camponesa. Cadernos Ecomonics e Sociologia Rural, No. 3, Dezembro 1986. p.73-89.

CASTRO, E. G. de. O paradoxo 'ficar' e 'sair': caminhos para o debate sobre juventude rural. In: FERRANTE, V. L. S. B.; ALY JUNIOR, O. Assentamentos rurais: impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos). São Paulo: INCRA/SP, 2005. p.321-49.

COSTA, C. Qualificar para quê? Qualificação para quem? Do global ao local: o que se espera da qualificação profissional hoje / Roberto Veras (Organizador) – São Paulo : Fundação UNITRABALHO; Campina Grande : EDUFCEG, 2006.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GROPPO. Luís Antônio. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. (p. 07 a 55).

INSTITUTO Cidadania, 2004; Carneiro, 2005; Brasil, 2005; Castro,E.G.,2005.

JÚNIOR, H.P.C. Estudo da participação e permanência dos jovens na agricultura familiar na localidade de ancorado em Rosário da Limeira-MG. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade). Centro Universitário de Caratinga;UNEC,2007

LOBATO, M. Ideias de Jeca Tatu. São Paulo: Brasiliense, 1951.

MENEZES NETO, Antonio Julio [et al]. Trabalho, política e formação humana: interlocuções com Marx e Gramsci. São Paulo: Xamã, 2006..

SILVESTRE, M.etAL. Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar; EPAGRI; Brasília. DF;Nead/MDA,2001.

SOUZA Eulália. Presidente Prudente. SP 2012 Educação do Campo; Desafios Teóricos e práticos/Bernadete Wrublevski

PAULILO (1987) apud in Luciane Ferreira, Teresinha Maria Cardoso p.211. S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. Estudos Feministas, Florianópolis, 12 (1): p.229-52, 2004.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, UFPR (2): 29-37, 2000.

Sites consultados:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A1>s Acesso em:22/12/2014

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Dados de identificação

Título do Projeto:

Pesquisador Responsável:

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:

Telefones para contato: (____) _____ - (____) _____ - (____)

Nome do voluntário:

Idade: _____ anos

R.G.

Responsável legal (quando for o caso): _____

R.G. Responsável legal: _____

O Sr. (a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa de responsabilidade do pesquisador _____ (nome).

Especificar, a seguir, cada um dos itens abaixo, em forma de texto contínuo, usando linguagem acessível à compreensão dos interessados, independentemente de seu grau de instrução:

- Justificativas e objetivos
- descrição detalhada dos métodos (no caso de entrevistas, explicitar se serão obtidas cópias gravadas e/ou imagens)
- desconfortos e riscos associados
- benefícios esperados (para o voluntário ou para a comunidade)
- explicar como o voluntário deve proceder para sanar eventuais dúvidas acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa ou com o tratamento individual
- esclarecer que a participação é *voluntária* e que este consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos à continuidade do tratamento
- garantir a confidencialidade das informações geradas e a privacidade do sujeito da pesquisa
- explicitar os métodos alternativos para tratamento, quando houver
- esclarecer as formas de minimização dos riscos associados (quando for o caso)
- possibilidade de inclusão em grupo controle ou placebo (quando for o caso)
- nos casos de ensaios clínicos, assegurar - por parte do patrocinador, instituição, pesquisador ou promotor - o acesso ao medicamento em teste, caso se comprove sua superioridade em relação ao tratamento convencional

- valores e formas de ressarcimento de gastos inerentes à participação do voluntário no protocolo de pesquisa (transporte e alimentação), quando for o caso
- formas de indenização (reparação a danos imediatos ou tardios) e o seu responsável, quando for o caso

Eu, _____, RG nº _____
 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Ou

Eu, _____, RG nº _____
 _____, responsável legal por
 _____, RG nº _____
 declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Nova Roma de _____ de _____

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

 Testemunha

APÊNDICE B

Entrevista semiestruturada para levantamento de dados

Caro jovem;

1-Como você vê o lugar onde vive?

2-No seu modo de pensar, quais são os motivos que levam os jovens dessa comunidade a sair para as cidades?

3- Em sua opinião, quais são os objetivos dos jovens quando saem para outras cidades?

4-Mesmo que você vá embora, pretende voltar para aplicar o que aprendeu fora?

5-O que pensa sobre políticas públicas da sua cidade, com relação aos jovens?

6-O que você pensa sobre a saída dos jovens da comunidade para viver em outras cidades?

7-O que espera encontrar na comunidade que o ajudem a ficar e não a sair para as grandes cidades?